
Almeida, Guilherme de, *O Meu Portugal. Crônicas de um desterro*. Edição com estudo, introdutório, notas e linhas de leitura de Maria Isabel Morán Cabanas e Ulisses, Infante, Annablume / Casa Guilherme de Almeida, São Paulo, 2016.

João Ribeiro
Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
joaoribeirete@gmail.com

A editora Annablumme e a Casa Guilherme de Almeida, ambas sediadas na cidade de São Paulo, trouxeram a público, nos finais de dezembro de 2016, este conjunto de vinte interessantes e pitorescas crônicas redigidas pelo autor Guilherme de Almeida para a imprensa brasileira, aquando do seu exílio de um ano em Portugal (1932-3). A defesa da causa constitucionalista levou este autor de Campinas a alistar-se como soldado raso na revolução de 1932. Foi levado para a prisão no dia 10 de outubro desse ano e enviado para a Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Daí partiu para o Recife e, posteriormente, para Lisboa, juntamente com dezenas de paulistas (civis, oficiais do exército e da segurança pública) que também tinham apoiado o movimento de oposição a Getúlio Vargas.

Estas crônicas foram publicadas inicialmente nos jornais da época e, mais tarde, reunidas num volume intitulado *O Meu Portugal. Crônicas de um desterro* da Companhia - Editora Nacional, fundada em 1925 por Monteiro Lobato - casa editorial que trouxe também a público a tradução para português do primeiro livro escrito no Brasil no século XVI (o relato do mercenário alemão Hans Staden, *Meu Cativo Entre os Selvagens Brasileiros*, numa tiragem de 5000 exemplares).

Em fevereiro de 1933, data da primeira crônica deste conjunto, os leitores assíduos de Guilherme de Almeida, habituados ao seu estilo de *Flâneur* sofisticado, não terão tido dificuldade em aceitar a alteração de cenário de São Paulo para os espaços europeus. De volta ao Brasil, Guilherme de Almeida reassumiu o seu trabalho jornalístico e a ele se dedicou praticamente até ao final da vida, sendo aliás eleito presidente da Associação Paulista de Imprensa em 1937.

O interesse do autor brasileiro pela cultura lusitana, antecede (e também é posterior a) o seu exílio em Portugal, tal como nos explicam os responsáveis desta nova edição comentada, que dedicam uma boa parte do estudo introdutório a contextualizar estas crónicas confrontando-as com outras evocações anteriores do país luso, que foram pontuando quer a produção jornalística, quer a obra poética de Guilherme de Almeida.

A presente reedição fez parte de um conjunto de iniciativas no âmbito do Ano Brasil em Portugal / Portugal no Brasil organizadas pelos governos de ambos os países em 2013 e da necessidade de recuperar estas crónicas de Guilherme de Almeida através, por um lado, da inclusão de um estudo introdutório que contextualizasse as relações entre ambos países e permitisse/auxiliasse a leitura de textos marcados pelo seu tempo (anos 30), e, por outro, de notas explicativas ou linhas de leitura, que acabaram por incluir a reprodução de imagens que facilitam o entendimento de determinadas passagens através do confronto imediato com documentos, fotografias de monumentos ou de capas de livros.

Maria Isabel Morán Cabanas e Ulisses Infante, depois de se terem dedicado durante vários anos ao estudo da obra deste escritor polifacetado que participou estrategicamente na Semana de Arte Moderna de 1922, mas que afinal terá trilhado nas letras brasileiras um caminho “tradicionalista” e geralmente considerado conservador, foram os responsáveis por levar a cabo este desafio, fornecendo a curiosos e leitores especializados alguns dados essenciais para se entender a vida, obra e pensamento deste autor de Campinas. Um desafio que coincidiu temporalmente com a homenagem do “Dia das Letras Galegas” a Valentin Paz-Andrade, uma figura histórica fundamental no que às relações de Guilherme de Almeida com a Galiza diz respeito. Como os dois professores e investigadores sublinham, a Galiza também está presente nesta compilação de crónicas autobiográficas e memorialísticas, já que, durante os meses em que permaneceu em Portugal, Guilherme de Almeida chegou a atravessar a fronteira do Minho para estar com intelectuais e ilustres figuras galegas, como o referido Paz-Andrade ou Afonso Rodríguez Castelao.

A vontade de imersão num passado que sentia como seu, levou Guilherme de Almeida a terras galegas, uma circunstância que merece uma atenção particular por parte dos responsáveis desta reedição e à volta da qual se fornecem informações completamente novas e

imprescindíveis para quem se quiser documentar sobre as relações histórico-culturais entre Brasil, Portugal e a Galiza, na primeira metade do século XX.

Com dois estudiosos da obra de Guilherme de Almeida, que são originários da Galiza e do Brasil, os dois extremos geográficos da viagem de exílio e de auto-conhecimento deste escritor brasileiro, temos, com a presente reedição de *O Meu Portugal. Crônicas de um desterro*, o privilégio de seguir documentada e pormenorizadamente cada um dos passos de Guilherme de Almeida. Do estudo introdutório, vale a pena destacar a análise dos discursos proferidos na Academia das Ciências de Lisboa (pronunciados no dia 22 de dezembro de 1932), que foram retirados dos volumes das atas dessa instituição. Trata-se de documentos históricos muito importantes para se entender a receção cultural das literaturas portuguesa e brasileira de um e do outro lado do Atlântico e que estavam até agora esquecidos.

Assim, do estudo introdutório o leitor poderá reter as palavras de agradecimento a Portugal (“o amigo certo do momento incerto”) e as referências diretas a figuras proeminentes do sistema literário Português dos anos 30, como Júlio Dantas, João de Barros ou Joaquim Leitão, dos quais também se fornecem dados biobibliográficos pertinentes para a compreensão da relação entre eles e o escritor exilado.

Como já foi referido, é evidente o empenho dos editores em esclarecer e contextualizar cada aspeto epocal, trazendo por exemplo à memória presente a campanha para estreitar os laços luso-brasileiros, que já tinha sido iniciada nos anos 10, e que se traduziu em convênios institucionais de diversos tipos, na criação de jornais e revistas – como a revista *Atlântida* (1915-1920), no acordo ortográfico preliminar de 1931, etc. Morán Cabanas e Infante não deixam de mencionar as coincidências d’*O Meu Portugal – Crônicas de um desterro* com outras obras congêneres deste período de aproximação, sobretudo com *Portugal d’Agora* (1911), de João do Rio, sublinhando como nesta época a cidade de Lisboa significava para o intelectual brasileiro em viagem “uma janela voltada, simultaneamente, ao presente e ao futuro, à tradição e à novidade” (p. 32).

Com efeito, este conjunto de textos e o presente aparato crítico dão o justo peso às reflexões de Guilherme de Almeida acerca das raízes culturais do povo português e brasileiro, dos elementos e figuras que já tinham atingido nesta altura no imaginário coletivo um estatuto

histórico e mitológico. Deste modo, os editores estabelecem, pela primeira vez (e é esse um dos maiores valores deste projeto editorial), um diálogo entre estas crônicas em prosa que evocam um passado cultural comum e a poesia do autor brasileiro que dialoga com a tradição lírica medieval (temas, artifícios de versificação e intérpretes das cantigas).

De facto, na escrita de Guilherme de Almeida, a produção trovadoresca aparece sob uma áurea de glorificação e mitificação, reivindicando-se, na opinião destes estudiosos, “a sua valorização como ponto de partida, lugar original da comunidade linguística e espiritual da lusofonia” (p. 60). Com efeito, este ponto comum de origem é também o lugar da Saudade, que surge, numa das crônicas aqui reunidas, personificada numa “passageira clandestina” que, à semelhança do que tinha feito o próprio autor brasileiro, viaja a bordo de um navio de regresso a uma pátria-mãe espiritual e mítica: “Não há mulheres a bordo? Há. (...). Viaja connosco uma passageira clandestina de volta a Portugal, seu país de origem. Ela é a Saudade” (pp. 89-90).

Na verdade, a importância e recorrência do termo *matricial* na produção literária deste autor, juntamente com outros do mesmo campo semântico (*repatriação, troncalidade, reintegração*), já tinham sido analisadas por Maria Isabel Morán Cabanas em estudos anteriores¹. Do mesmo modo, as recriações neotrovadorescas de Guilherme de Almeida já tinham sido alvo de análise tanto por esta académica galega como por Ulisses Infante². Enfim, guiados pelos comentários dos dois estudiosos, o leitor atual consegue empreender a viagem proposta pela pena deste escritor brasileiro, uma viagem que

¹ Cf. Morán Cabanas, Maria Isabel, “A Galiza vista como terra matricial por Guilherme de Almeida”, in Estudos galegos, Série nº 7, Editora da UFF (Universidade Federal Fluminense) / Xunta de Galicia, Rio de Janeiro, 2007, pp. 77-97; IDEM, “Um olhar sobre as relações de Guilherme de Almeida com a Galiza”, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº 3, 2010, pp. 265-285.

² Cf. Morán Cabanas, Maria Isabel, “Um olhar sobre as relações de Guilherme de Almeida com a Galiza”, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº 3, 2010, pp. 265-285; Idem, “Passai, lembranças: sobre a poesia de Guilherme de Almeida e a essência galego-luso-brasileira”, in Rita de Cássia Miranda Diogo, Ana Elisabeth Dreon de Albuquerque, Dilma Alexandre Figueiredo, Elda Firmo Braga (orgs.), Atas do IV Congresso Brasileiro de Hispanistas (3-6 de setembro de 2006). Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Hispanistas, 2007, vol. IV, pp. 416-422. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/hispanistas/hot/literatura_espanhola.pdf). Cf. Infante, Ulisses, “A poesia de Guilherme de Almeida: de tradição e silêncio”, Agália, 103, 1º semestre de 2011, pp. 77-101.

pretende não um conhecimento, mas um "auto-conhecimento" e "reconhecimento" e que era nos anos 30 transoceânica, espacial, mas que hoje é também temporal.

O esforço e preocupação de Morán Cabanas e Infante por demonstrar e documentar tudo o que dizem leva-os, de facto, a confrontar e analisar todo tipo de textos, incluindo discursos, prefácios de diversas obras e até a correspondência epistolar, através da qual se destaca nitidamente a curiosidade pela Galiza e a apropriação que dela o escritor brasileiro faz como "berço" da sua língua, da sua poesia e mesmo da família dos Andrade (Andrade é outro dos apelidos de Guilherme de Almeida). Os termos que este autor utiliza para reivindicar esta apropriação foram evidentemente alvo de atenção especial por parte dos meios de comunicação na Galiza e por parte da imprensa académica galega, quando se conheceu este projeto editorial. O pensamento de Guilherme Almeida, próximo, como referi, de Valentín Paz-Andrade, reconhece a Galiza como "terra matricial" de um património cultural comum transnacional, que se projeta no tempo. Conforme referem os prefaciadores e editores:

Seus olhares sobre o passado com o intuito de conhecer a tradição e conservar os valores de um património comum vão sempre acompanhados de um espírito de atualização – de maneira que tradição e originalidade possam aparecer entrelaçadas e agirem como motor de Presente e germe de Futuro. Advoga por uma cultura dinâmica, na qual procura identificação, comunicação e fluido diálogo, falando com naturalidade de "filiação" e "irmandade" (p. 43).

No entanto, nem só de questões com este tipo de profundidade tratam estes textos de Guilherme de Almeida. Este volume é um magnífico repositório de impressões *ligeiras* de viagem e oferece-se ao leitor do século XXI como um roteiro de turismo cultural nos conturbados anos 30. Que mapa traçava da capital portuguesa o viajante esclarecido? O que se pode tirar destas impressões para uma análise sociológica, etnológica e antropológica dos tipos de alfacinhas da década de 30? O que se regista de comportamentos, de hábitos e de consumos culturais em locais públicos e privados, nas feiras e festas, nos locais de fado (género que estava justamente nestes anos a ser *reabilitado*), nos teatros e cinemas da cidade? As figuras típicas e as tradições, entretanto apagadas pelo tempo (como a figura do "Cheché" no Entrudo Lisboeta), surgem aqui descritas com todo o seu colorido de época. Ainda que, como entidade espacial e humana, Lisboa ganhe

um certo protagonismo neste conjunto de retratos dos anos 30, a seu lado surgem também o Estoril, Sintra e outros lugares próximos.

Para perto acaba por ser também a incursão ao norte, que justificou a crónica que encerra o volume: "Por estradas portuguesas". Depois de atravessar a ponte de ferro de Valença do Minho, chegamos ao extremo geográfico do percurso deste escritor singular, que ainda assim não reconhece a fronteira nacional e não vê a Galiza como periferia, mas como centro de um lugar mítico de origem: "(...) do outro lado do rio é a Galiza. Ter-se-á mesmo acabado Portugal?" (p. 219).

Miguel Ángel Teijeiro Fuentes, José Roso Díaz (Eds.), *España en la encrucijada del teatro del siglo XVI. Estudios dedicados al profesor Miguel Ángel Pérez Priego*, Sevilla, Editorial Renacimiento/Servicio de publicaciones de la Universidad de Extremadura, Col. Iluminaciones, 2019, 404 pp.

Ana Alicia Manso Flores
 Universidad de Extremadura
 aamansofl@unex.es

Este volumen reúne una selección de textos presentados en el *Congreso Internacional "Bartolomé de Torres Naharro". España y Portugal en la encrucijada del teatro del siglo XVI*, que se celebró entre el 25 y el 28 de septiembre en Torre de Miguel Sesmero (Badajoz), la localidad natal del dramaturgo extremeño Bartolomé de Torres Naharro. Ha sido coordinado por los profesores de literatura Miguel Ángel Teijeiro Fuentes, especializado en Siglo de Oro, y José Roso Díaz, cuyo ámbito de trabajo se centra en el teatro clásico y neoclásico. Ambos son miembros del Grupo de Investigación Literaria de la Universidad de Extremadura "Barrantes-Moñino" (GRILEX), que tiene, entre otros objetivos, la recuperación del patrimonio literario y, específicamente, el extremeño. Como tal, la publicación, aparte del homenaje al citado dramaturgo, supone un lugar de encuentro de estudiosos portugueses y españoles donde exponer los avances científicos sobre el teatro del XVI de ambas tradiciones literarias.

Así mismo, esta compilación no es una mera reunión de conferencias, sino que se caracteriza por la calidad de las